

FRANCISCO DE OLIVEIRA  
Coordenação

# Génese e Consolidação da Ideia de Europa

Vol. III

*O Mundo Romano*



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2005

## GEOANTROPOLOGIA E IMPERIALISMO EM PLÍNIO O ANTIGO \*

Francisco de Oliveira  
(Universidade de Coimbra)

### 1 — Preâmbulo

Nos livros sobre geografia e em numerosos excursos geográficos e etnográficos, Plínio o Naturalista deixa entrever de forma clara uma visão do outro que, por um lado, se reporta a algumas vertentes da teoria política antiga, e, por outro, denota uma percepção do mundo claramente romanocêntrica, que circunscreve um espaço civilizacional itálico, europeu e ocidental.

### 2 — A superioridade de Roma: *laudes Romae* ‘louvores de Roma’

Um significativo conjunto de passos da *História Natural* exalta a superioridade de Roma sobre todos os outros povos, impérios ou regiões. Trata-se de um *topos* literário que, sob o ponto de vista da retórica discursiva, chamarei *laudes Romae*<sup>1</sup>.

---

\* Com a devida autorização do editor, o texto, apresentado em Junho de 2005, em Coimbra, no congresso internacional “Génesis da ideia de Europa”, é uma versão alterada e acrescentada da que publiquei em *Actas del XI Congreso de la Sociedad Española de Estudios Clásicos*, I, Madrid, 2005, p.535-546.

<sup>1</sup> Cf. Quint. *Inst.* 4.3.12-13, sobre a *egressio: laus hominum locorumque, ut descriptio regionum, expositio quarundam rerum gestarum, vel etiam fabulosarum* ‘o louvor dos homens e lugares, tal como a descrição de regiões, é a exposição de alguns feitos, inclusive os lendários’;

Nesses louvores de Roma, especificarei três formas da sua concretização:

- a primeira, de origem médica e geográfica, divide o globo em cinco zonas e privilegia a zona temperada norte, numa visão geopolítica;
- a segunda, evocadora das coevas e omnipresentes colectâneas de feitos dignos de memória (*collectanea rerum memorabilium*), regista-se através dos lexemas *primus, primum, principatus, claritas, comparare, gloria, gloriari, honos, nobilitas, palma, vincere*, vários deles concretizados no caso em apreço, e por meio das diversas formas de superlativação;
- a terceira exprime-se mediante a ideologia da *victoria* e da missão imperial e providencial.

O denegrimiento de outros povos e impérios, que se socorre de figuras e lemas de retórica, de tiradas moralistas e até, é minha intuição, da fisiognomonía (cf. 6.88; 7.16-18), será tratado no item *vituperatio* e em seus desdobramentos:

- a percepção do desconhecido, do bárbaro e do inculto;
- a aparência física e hábitos de vida;
- a reformulação e crítica de conceitos.

## 2.1 – *Geoantropologia e destino imperial*

Na novidade e imprecisão da delimitação dos *circuli* ‘círculos’, *paralleli* ‘paralelos’, *segmenta* ‘segmentos’ ou *comprehensiones* ‘zonas’ terrestres referidos em 6.211-220, e tendo em conta a teoria das zonas celestes mencionada em 2.171-172, facilmente se deduz a colocação da Itália na zona tempe-

---

para a expressão *laudes Romae*, ver W. Gernentz, *Laudes Romae*, Rostock, 1918; para o tema em geral, remeto para a seguinte bibliografia: R. Dion, *Aspects politiques de la géographie antique*, Paris, 1977; R. Girot, “Vision et représentation géographiques chez les anciens”, in: *Mélanges R. Dion*, Paris, 1974, p.481-498; F. Klingner, “Rom als Idee”, in: *Römische Geisteswelt*, München, 1979, p.645-666; B. Kytzler, *Roma aeterna*, Zürich, 1972; R. Moynihan, “Geographical mythology and Roman imperial ideology”, in: *The age of Augustus*, ed. R. Winkles, Louvain, 1985, p.149-162; C. Nicolet, *L’inventaire du monde. Géographie et politique aux origines de l’empire Romain*, Paris, 1988; L. Pernot, *Éloges grecs de Rome*, Paris, 1997; D. Thompson, *The Idea of Rome from the Antiquity to the Renaissance*, Albuquerque, 1971.

rada norte<sup>2</sup>. As vantagens políticas de tal localização são bem expressas em 2.190:

*medio vero terrae salubri utrimque mixtura fertiles ad omnia tractus, modicos corporum habitus magna et in colore temperie, ritus molles, sensus liquidos, ingenia fecunda totiusque naturae capacia, isdem imperia, quae numquam extimis gentibus fuerint, sicut ne illae quidem his paruerint, avolsae ac pro numine naturae urgentis illas solitariae.*

Mas na zona intermédia, graças a uma salubre mistura de ambos os elementos (sc. fogo e humidade), as terras são férteis para todas as culturas, moderadas as proporções dos corpos, é também grande o equilíbrio da cor, os costumes civilizados, os sentidos apurados, o engenho fecundo e capaz de abarcar toda a natureza; são delas os impérios, os quais nunca pertenceram a terras dos confins, pois estas nem sequer àquelas estiveram submetidas, repelidas e solitárias como que por vontade de uma natureza hostil.

Além disso, a própria geografia da Itália, bem colocada no centro dessa zona central (cf. 7.9), favorece claramente o destino imperial romano.

Pelo contrário, como respondendo a um desígnio superior, algumas regiões parecem condenadas pela natureza (Pteróforo, segundo 4.88); outras, apesar da excelência da localização, como Palmira, são prejudicadas pela fortuna (5.88); o Ponto Euxino está sujeito à erosão marinha permanente, *peculiari invidia naturae* (6.1); a região dos Caucos é palco da luta entre terra e água (16.2).

Especial é o caso dos Citas (6.51-53), os quais, além de nómadas, habitando uma região inóspita por causa das neves, se caracterizam por uma *saevitia* ‘ferocidade’ que se traduz em antropofagia e por uma *inmanitas* ‘desumanidade’ não dissemelhante da das feras que os rodeiam.

Desta forma, somente a Europa e a Itália estavam destinadas a gerar uma *imperiosa civitas* ‘cidade poderosa’, para usar uma sugestiva expressão de Cícero (*Rep.*3.36). E, como diz o mesmo Cícero sobre a excelência da localização de Roma, no acto da fundação, o próprio Rómulo “já então adivinhava

---

<sup>2</sup> A teoria das zonas climáticas relaciona-se com a medicina hipocrática, foi elaborada por Posidónio, aparece em Políbio e Estrabão, transparece em Cícero, Virúvio, Virgílio e Séneca. Cf. C. Nicolet, *L'inventaire du monde. Géographie et politique aux origines de l'Empire romain*, Paris, 1988, cap.III.

que esta cidade forneceria um dia a sede e a morada ao maior dos impérios; de facto, não poderia a urbe deter com mais facilidade tal poderio sobre as coisas se situada nalguma outra parte da Itália”<sup>3</sup>.

## 2.2 – Grandeza e excelência da terra e das suas produções

Logo em 2.18 a Europa é apresentada como

.... *terrarum pulcherrima, quam plerique merito non tertiam portionem fecere, vero aequam, in duas partes ab amne Tanai ad Gaditanum fretum universo orbe diviso.*

... a mais bela das terras, que a maioria com justeza considerou não a terça parte, mas metade, dividindo o orbe em duas partes, do rio Tânaís até ao estreito de Gades.

Em 6.210, especifica-se que ocupa um terço e pouco mais de oito avos, sendo por isso maior que a Ásia e que a África (segundo 6.59 a Índia ocupa um terço do orbe).

A Itália, *diis sacra* ‘consagrada aos deuses’ (3.138), é caracterizada por uma enorme nobreza dos lugares e pelo brilho dos habitantes (3.40: *tanta nobilitas omnium locorum ... tanta rerum singularum populorumque claritas tenet*). Na abundância de metais, a nenhuma terra é inferior (*nullis cedit terris*); produziu mais génios que todas as outras terras juntas (7.112), incluindo, especificamente, um exemplo de *pietas* ‘afeição familiar’, ao qual nenhum outro se pode comparar (7.121: *comparari cuncta non possint*); em suma, Roma sobressaiu como a mais notável das nações (7.130):

*Gentium in toto orbe praestantissima una omnium virtute haud dubie Romana extiit.*

Em todo o orbe, de todas as nações, a mais cheia de virtude, no seu conjunto, é indubitavelmente a romana.

<sup>3</sup> Cic. *Rep.*2.10, onde o elogio de Roma se relaciona com o tema das *urbes maritimae* ‘cidades marítimas’: *Vt mihi iam tum divinasse ille videatur hanc urbem sedem aliquando et domum summo esse imperio praebituram; nam hanc rerum tantam potentiam non ferme facilius alia ulla in parte Italiae posita urbs tenere potuisset.*

O elenco das produções também dá a superioridade à Itália, de tudo vencedora (cf. 13.18: *in Italia victrix omnium*; e 37.201-202).

Por sua vez, a cidade de Roma aparece como um sítio privilegiado na Itália, *digna iam tam festa cervice facies* ‘rosto já digno de tão encantadora cabeça’ (3.40); quanto à sua grandeza territorial, deve confessar-se que em todo o orbe não há igual (3.67: *nullius urbis magnitudinem in toto orbe potuisse ei comparari*).

Ao próprio Tibre, *placidissimus* ‘extremamente sereno’, para além do carácter sagrado, é atribuída a superioridade sobre todos os outros rios (3.54-55).

Assim, mais uma vez se circunscreve a excelência geográfica e etnográfica à Itália e a Roma; e, como diria Políbio, excelência quer dizer aptidão para dominar.

### 2.3 – Roma victrix parensque mundi altera ‘Roma vencedora e segunda mãe do mundo’

A ideologia da vitória aparece de forma recorrente nas referências a Roma e aos Romanos. Assim, ouvimos falar de *populi gentium victoris* ‘povo vencedor das nações’ e de *Romani nominis gloriae* ‘glória do nome de Roma’ (*praef.*16), da Europa *como altrice victoris omnium gentium populi longeque terrarum pulcherrima* ‘ama do povo vencedor de todas as nações e de longe a mais bela das terras’ (3.5; cf. 13.18: *in Italia victrice omnium* ‘na Itália, de todos vencedora’); o povo romano é qualificado como *terrarum victor et totius domitor orbis* ‘vencedor de todas as terras e domador de todo o orbe’ (36.118).

A missão imperial e providencial é exposta muito claramente com os marcadores da superioridade civilizacional e linguística da Itália (3.39):

*... terra omnium terrarum alumna eadem et parens, numine deum electa quae caelum ipsum clarius faceret, sparsa congregaret imperia ritusque molliret et tot populorum discordes ferasque linguas sermonis commercio contraheret ad conloquia et humanitatem homini daret breviterque una cunctarum gentium in toto orbe patria fieret.*

... uma terra que é ama e progenitora de todas as terras, por vontade dos deuses eleita para tornar o próprio céu mais luminoso, congregar

impérios esparsos e civilizar costumes, arrastar ao entendimento tantos povos desavindos e línguas selvagens avessas ao comércio da fala, e dar humanidade ao homem, em suma, fazer de todo o orbe uma só pátria para todas as nações.

Essa superioridade civilizacional e esse destino imperial romano assumem claramente um carácter numinoso (3.41-42):

*... tot maria, portus, gremiumque terrarum commercio patens undique et tanquam iuvandos ad mortales ipsa in maria procurrens. Neque ingenia ritusque ac viros et lingua manuque superatas commemoro gentes.*

... tantos mares, portos e o seu regaço aberto por todos os lados ao comércio entre as terras, ela própria avidamente avançando para o mar como para ajudar os mortais! Sem mencionar os engenhos, os costumes e varões, e as nações vencidas pela sua língua e pela sua mão!

Aqui, por contraste, a ocorrência de *mortales* coloca a Itália na posição de imortal, e o lexema *ad iuvandos* evoca enunciado similar, em 2.18, onde esse traço é consagrado como originário, histórico e específico dos Romanos:

*deus est mortali iuvare mortalem, et haec ad aeternam gloriam via. Hac proceres iere Romani ...*

Divino é, para um mortal, ajudar outro mortal, e é esta a via para a glória eterna. Por ela avançaram os próceres romanos ...

Da mesma forma, tal como em 36.118 o povo romano é descrito como *deorum quaedam immortalium generi humano portio* ‘uma como que parcela dos deuses imortais junto do género humano’, assim também em 27.3 essa posição providencial é colocada como um vicariato divino (*Adeo Romanos velut alteram lucem dedisse rebus humanis videntur* ‘Assim os deuses parecem ter criado os Romanos como uma segunda luz para os seres humanos), com a imensa *maiestas* ‘majestade’ da paz romana a permitir que todos os produtos do orbe estejam em todo o lado à disposição de todos, para bem-estar da humanidade (*humanae salutis*).

O registo numinoso inerente ao emprego de *maiestas* reaparece em 14.2, onde está novamente ligado ao conceito de paz e de império universal:

*quis enim non communicato orbe terrarum maiestate Romani imperii profecisse vitam putet commercio rerum ac societate festae pacis, omniaque, etiam quae antea occulta fuerant, in promiscuo usu facta?*

Quem é que, atendendo às comunicações entre todo o orbe da terra estabelecidas pela majestade do império romano, não há-de considerar que a civilização progrediu com o comércio dos bens e a partilha de uma paz festiva, e que tudo, inclusive o que antes estava oculto, se tornou de uso comum?

Como se pode constatar, à excelência da situação corresponde um destino imperial providencial, numinoso e tendencialmente eterno, que se concretiza tanto em dominação directa como na garantia de contactos comerciais, diplomáticos, civilizacionais.

### **3 — *Vituperatio* do desconhecido, do bárbaro e do inculto**

Vejam agora como, por contraste, nenhum outro povo recebe os elogios de Roma. Pelo contrário, mesmo quando a excelência da localização, da organização ou das produções é conhecida, Plínio encontra forma de a inferiorizar por razões morais ou de a desqualificar por incerta ou lendária.

O denegrimto de outros povos é rastreado através de um conjunto de lemas que tradicionalmente marcam a ausência de civilização e é metodologicamente clivado por um conceito de enciclopédismo selectivo.

#### *3.1 — Nomes indignos de pronúncia e de memória*

Na descrição da Índia, Plínio observa que os seus povos são inúmeros. Elencá-los a todos seria cair no conceito de *diligentia* (6.58-59): *non tamen est diligentiae locus: adeo diversa et incredibilia traduntur* ‘Não há espaço para exactidão, tão diverso e incrível é o que se conta’. Recordará somente as nações ... *quas memorare non pigeat* ‘que se podem recordar sem sentir vergonha’ (6.64).

De facto, com frequência Plínio omite mencionar povos pelo facto de terem nome ignóbil e bárbaro, como no caso do *conventus* Lucense, ou para não causar fastio, como a propósito dos Brácaros (3.28).

O critério linguístico de selecção é explanado a propósito do Ilírico (3.139): omissão de nomes pouco dignos de serem pronunciados, difíceis de pronunciar ou que se não podem pronunciar sem vergonha (ver também 4.40, para a Trácia; 4.117-118, para a Lusitânia; 5.105-106 para a Cária).

Na sua vertente linguística, tal selecção remete os povos não mencionados para a categoria etimológica da barbárie, que explicitamente se estende à Escandinávia (4.96-97), à África, na região da Líbia e do Egipto, em que os nomes das povoações são extremamente difíceis de pronunciar e na bárbara língua local (5.1), a certas regiões mesopotâmicas da Síria (5.82) e à Arménia (6.27). Todavia, isso não impede a reprodução de alguns nomes bárbaros (cf. 5.151, para a Bitínia).

Este critério é também válido para regiões não romanizadas do império, como no caso da Hispânia, particularmente as zonas com vestígios de ocupação e toponímia celtas (3.13, sobre a Bética, e 4.118, sobre a Lusitânia)<sup>1</sup>.

Por sua vez, tendo em conta as acepções registadas pelo dicionário etimológico de Ernout-Meillet, o conceito distintivo de *ignobilis* 'que não merece ser conhecido, desconhecido, obscuro', oposto a *memorandus* 'digno de memória' (cf. 3.147-148), a *nominandus* 'digno de ser nomeado' (e.g. 4.111) e até a *gloria* 'glória' (cf. 5.60), *nobilitas* 'nobreza, celebridade', *nobilis* 'nobre, célebre' e noções similares (cf. 5.126: *inhonora civitates* 'cidades desprezíveis' da jurisdição de Pérgamo), é bastante frequente. Para além de alguns passos anteriores, ver também 4.74 para algumas ilhas das Espórades, 5.106 para a região da Cária; 111, para a Lídia; 123, para a Mísia; 129, ilhas da Panfília; 135 e 137, para ilhas da Jónia; 6.80 para a Taprobana. O conceito de *ignobilis* define-se, segundo 4.62, sobre Creta, pela ausência de uma civilização urbana (*sine oppidis et ideo ignobiles*).

### 3.2 – Aparência física e hábitos de vida inumanos

Um vasto conjunto de povos exteriores ao mundo romano, ou, para usar a expressão de 5.29, de nações que não se incluem entre as que obedecem ao

---

<sup>1</sup> Ver os meus artigos "Lusitânia rural em Plínio o Antigo" in: *Les campagnes de Lusitanie romaine*, Madrid, 1994, p. 31-44; e "A Lusitânia Pliniana", *Classica. Boletim de Pedagogia e Cultura* 22 1997 207-222.

império romano (*Romano pareant imperio*), vê-se caracterizado por lemas tradicionalmente indicadores de animalidade, barbárie e ausência de civilização.

Assim, em longínquas regiões das extremidades da Europa vivem povos com pé de cavalo e orelhas a cobrir todo o corpo nu (4.95)<sup>5</sup>.

Os habitantes da África, na região dos Atlantes, têm todas as características de um quadro de inumanidade, como se verá em 5.44-46, onde se misturam povoadores *semiféri* ‘meio selvagens’ ou cujos costumes humanos degeneraram (*degeneres humani ritus*), e desconhecedores da fala, como os Etíopes mencionados em 6.188, temerosos perante o nascer e o pôr do sol. Outros estão privados da capacidade de sonhar os mesmos sonhos que os outros homens, habitam em grutas, comem carne de serpente, desconhecem o matrimônio, não usam vestuário, não têm cabeça, a boca e os olhos estão cravados no peito, rastejam à maneira de serpentes (5.44-46).

Especialmente negativa é a imagem dos Citas, em 6.51-53, onde se acumulam alguns dos itens já conhecidos: ausência de sede fixa ou nomadismo, *saevitia* ‘ferocidade’, incluindo antropofagia, e *inmanitas* ‘desumanidade’<sup>6</sup>.

Os Seres Hémodos do nordeste da Índia lançam os estrangeiros às feras, têm estatura enorme, cabelo rútilo, olhos azuis, produzem sons estranhos, desconhecem a fala (6.88).

De resto, o desconhecimento da fala é um registo de extrema importância e tem a ver com ausência de órgãos fonadores: os já referidos Seres Hémodos caracterizam-se por um ameaçador tom da fala, sem qualquer comunicação com outra língua (6.88: *oris sono trucis, nullo commercio linguae*); os habitantes de algumas regiões da Etiópia, pela ausência de língua (6.187); os habitantes de certos montes da Índia têm um latido em lugar de voz (7.23: *pro voce latratum*); os Coromandas vivem sem voz, com um estridor horrendo (7.24: *sine voce, stridoris horrendi*); como o nome indica, os Ástomos não têm boca (7.25: *sine ore*).

Outras marcas frequentes de derrogação são os qualificativos *semiferus* ‘meio selvagem’ e *ferus* ‘selvagem’ (cf. 4.3, para os Dârdanos; 5.44 para o interior da África; 6.15-16, no Ponto; 29, nos confins da Arménia; 35, na vizinhança dos Arinfeus; 47, para além do Cáucaso; 54, para Seres semelhantes a

<sup>5</sup> Cf. D. B. Saddington, “Roman Attitudes to the *Externae gentes* of the North”, *AC* 4 1961 90-102; sobre a descrição de povos e seus pressupostos epistemológicos, ver R. Lenoble, *Esquisse d'une histoire de l'idée de nature*, Paris, 1969.

<sup>6</sup> Cf. 6.55 e 7.9-10, onde inclui sacrifícios rituais como os dos druídas, 12 e 18.

feras; 168, para Árabes da região dos Trogloditas); *liber* (4.3, para os Dassarenenses, vizinhos do Epiro; 6.74: na Índia; 134, para a *libera feritas* ‘selvajaria sem rédea’ dos Mizeus (cf. 6.47: *gens Mardorum fera, sui iuris*); e ainda *indomitus* ‘indómito’ (6.30, perto das Portas do Cáucaso); e *silvestris* (7.11: *silvestres ... homines ... passim cum feris vagantes* ‘homens que vivem nos bosques, vagueando desordenadamente com as feras’; 7.24: Coromandas).

Estes marcadores registam a ideia de ausência de sociabilidade, como se explicita em 6.54, sobre os Seres: *et ipsi feris similes coetum reliquorum mortalium fugiunt* ‘e eles mesmos, semelhantes a feras, fogem do contacto com os restantes mortais’. O traço associial é comum a vários outros povos (cf. 4.81, para os Citas; em regiões interiores de África, ver 5.44 para os Egipãs; 5.55 para os Ganfasantes, que *nulli externo congregantur* ‘com nenhum estrangeiro se congregam; 5.73 para os Essénios)<sup>7</sup>.

Da mesma maneira, há um desdobrar de lemas indiciadores de negação ou destruição da boa ordem social: a pirataria (6.176: Árabes Ascitas) e o banditismo (ver ocorrência de *latrones* para os Átalos em 6.125 e para os Óxios da região do Tigre em 6.133; de *latrocinium* para os Árabes *mitrati* em 6.162; de *infestatores* para os Nómadas referidos em 6.143)<sup>8</sup>; os costumes e práticas aberrantes (cf. 7.13-14: dos Psilos da região das Sirtes; 7.15: andróginos da mesma região; 7.16-18: poderes maléficis do olhar e dupla pupila; 7.30: híbridos resultantes de comércio carnal com animais, na Índia); os cultos infernais (5.45: Augilas) ou teriomórficos (6.178: na região oriental da África; 192: Ptomênfanos da Etiópia); e, finalmente, a famosa intolerância religiosa dos Judeus (13.46: *Iudaea gens contumelia numinum insignis*).

---

<sup>7</sup> Por brevidade, declino indicar a numerosa bibliografia específica sobre os Essénios e outros povos em Plínio; o leitor interessado poderá facilmente encontrá-la nas bibliografias existentes; destaco somente dois títulos genéricos sobre as concepções geográficas de Plínio: K. Sallmann, *Die Geographie des Älteren Plinius in ihrem Verhältnis zu Varro*, Berlin, 1971; A. Dihle, “Plinius und die geographische Wissenschaft in der römischen Kaiserzeit”, in: *Tecnologia, economia e società nel mondo romano*, Como, p.121-137. Para a localização das referências, os índices de Ian-Mayhoff são substituídos com grande vantagem por *Concordantia in C. Plinii Secundi Naturalem Historiam*, curantibus P. Rosumek, D. Najock, Hisedsheim, Olms, 1996, 7 vols; o elenco bibliográfico mais recente é o de G. Serbat, “Pline l’Ancien. Etat présent des études sur sa vie, son oeuvre et son influence” in: *ANRW* 2.32.4 1985 2069-2200.

<sup>8</sup> Em 2.117 os piratas são considerados inimigos de todos os homens, consequentemente destruidores da civilização; sobre pirataria e banditismo, ver B. D. Shaw, “Der Bandit”, in: *Der Mensch der römischen Antike*, hrsg. A. Giardina, Frankfurt, 1991, p.337-381; Philip de Souza, *Piracy in the Graeco-Roman World*, Cambridge, 2002 (ed. paperback).

A ausência de habitação (cf. 6.51: Citas; 6.143: povos *vagi* ‘nômadas’ nas proximidades dos Caldeus; 195: Artabatitas da Etiópia, *quadrupedes, ferarum modo vagi* ‘vagueando à maneira dos animais quadrúpedes’; 7.11: habitantes do Abarímon, *passim cum feris vagantes* ‘vagueando desordenadamente com as feras’), ou a habitação em cavernas, bosques, tugúrios e tendas (4.89: Hiperbóreos; 5.45: Trogloditas; 6.109: na Carmânia; 179: Nômadas africanos, *in tabernaculis viventes*; 7.26-27: Pigmeus de África; 16.3: Caucos); o vestuário inexistente (4.95; 6.190: *Gymnetes, semper nudi*) ou impróprio (6.110); os adereços macabros (7.12: escalpelos a servir de colares); as características físicas invulgares ou até animais (caso extremo dos Etíopes, segundo 6.187-188 e 195-196; cf. 7.10: Arimaspos; 11: habitantes do Abarímon; 7.16-17; 7.22: certos habitantes da Índia, incluindo os gimnosofistas; 7.23-31: catálogo de aberrações, desde homens com cabeça de cão, com uma só perna, um só olho, sem cabeça, sem sombra, até aos que têm orelhas que os cobrem totalmente, em regiões como Etiópia, Índia, Taprobana, Tauro); o desalinho ou exotismo da barba e do cabelo (6.162, para os Árabes); a comida estranha, incluindo canibalismo (caso dos Eonas em 4.95; dos Ofiófagos em 6.169; dos Gimnetes em 6.190; de certos Etíopes em 6.195-196; dos Ástomos em 7.25; dos habitantes do Áton em 7.27); a utilização de glandíferas, *nutrices inopis ac ferae sortis* ‘amas de uma mísera e fera condição’, segundo 16.1; a bebida (7.12: beber por caveiras; 16.4: os Caucos só bebem água da chuva) — todos estes lemas são marcas frequentes de incivilidade, em povos da Ásia, da África, do mar Eritreu, de regiões não integradas no império romano.

Por contraste, os Romanos são louvados por imporem hábitos humanos e civilizados, por combaterem todas as monstruosidades, em especial as práticas mágicas, os sacrifícios humanos e a antropofagia (30.12-13):

nec satis aestimari potest, quantum Romanis debeatur, qui sustulere monstra, in quibus hominem occidere religiosissimum erat, mandi vero etiam saluberrimum.

E nunca é demais valorizar quanto se deve aos Romanos, que puseram termo a essas práticas monstruosas, nas quais matar um homem era um acto de extrema religiosidade, e comê-lo até extremamente saudável.

Aparece mesmo como castigo o facto de um povo não se incorporar no império romano. É o caso dos Caucos, que vivem de forma verdadeiramente não civilizada mas recusam a integração, o que leva Plínio a exclamar (16.1-4):

*et hae gentes, si vincantur hodie a populo Romano, servire se dicunt! ita est profecto: multis fortuna parçit in poenam.*

E estas nações, se hoje forem vencidas pelo povo romano, afirmam cair na escravidão. É assim, de facto: a muitos a fortuna poupa para seu castigo!

Posição muito próxima da de Séneca, *De ira*, 2.15.5, quando, a propósito de Germanos e Citas, para além de relacionar a barbaridade com a localização geográfica (*Fere itaque imperia penes eos fuere populos qui miltiore caelo utuntur* ‘Assim geralmente os impérios pertenceram aos povos que beneficiaram de um clima mais suave’), se pronuncia sobre a incapacidade dos bárbaros (*De ira*, 2.15.4):

*Deinde omnes istae feritate liberae gentes leonum luporumque ritu ut servire non possunt, ita nec imperare; non enim humani vim ingenii, sed feri et intractabilis habent.*

Ademais, todas estas nações, que são livres por causa da sua selvajaria, como não são capazes de se sujeitar, à semelhança dos leões e dos lobos, também não conseguem comandar; é que têm uma força que não é de um génio humano, mas selvagem e intratável.

### 3.3 – *Denegrimento por reformulação e crítica de conceitos*

A tradição etnográfica e retórica fornecia certos quadros de povos mais ou menos mitológicos que, a existirem, competiriam com a excelência de Roma. Rastreei esses povos também através do qualificativo *felix* ‘feliz’, aplicado aos Hiperbóreos e à Arábia.

No caso dos Hiperbóreos (4.88-91), os seus traços positivos são remetidos para a penumbra da fábula mediante a recorrência das expressões *fabulosis celebrata miraculis* ‘célebre por lendárias maravilhas’ e *nec licet dubitare de gente ea* ‘não é lícito duvidar da existência dessa nação’.

São-lhes associados os Arinfeus, referidos em 6.34-35, sobre cujos aspectos positivos são lançadas marcas negativas: habitam nos bosques, comem bagas, têm habitantes ferozes por vizinhos, isto é, aproximam-se da insociabilidade.

A mesma estratégia discursiva funciona para os Seres que, apesar de *mites* ‘civilizados’, são fonte de luxo, receosos de contactos, semelhantes a feras (6.54-55).

Quanto à Arábia, geograficamente tão bem situada como a Itália (6.142-143), Plínio contesta mesmo como ingrato e falso o cognome *felix* que tradicionalmente lhe é atribuído: é que os seus produtos de luxo funerário de modo algum são mais agradáveis aos deuses do que as ofertas tradicionais; e só a importação de pérolas para o luxo feminino custa a Roma cem milhões de sestércios anualmente (12.82-84). Tal como os da Índia ou do mar Rubro, os seus produtos medicinais são menosprezados por razões morais, económicas e ideológicas (24.4-5).

Sendo certo que a primazia ou *summa auctoritas* nos perfumes vai para o unguento real criado pelos reis da Pérsia e que nada de semelhante se produz na Itália, a sua classificação como *cumulus deliciarum* ‘cúmulo das delícias’ é claramente derogativa (13.18); além disso, em 14.8 afirma-se que o odor das vinhas itálicas suplanta o odor de quaisquer outras.

No caso do Egipto, o denegrimto da glória passada faz-se por oposição à actual condição ignóbil (5.60). De certa forma o mesmo esquema está implícito na referência à Fenícia, *quondam terrarum maxuma et plurimis distincta nominibus* ‘outrora a maior das terras, que se desdobrava em inúmeras designações’ (5.66).

A oposição passado/presente, utilizada em relação à Macedónia (4.33 e 39), ao Egipto (5.60), à Babilónia (6.121-122), também denegrida pela existência das práticas mágicas dos Caldeus, funciona de modo especial na referência a Tiro e a Cartago (5.76):

*Tyros ... olim partu clara ... et illa aemula terrarumque orbis avida  
Cartaghine, etiam Gadibus extra orbem conditis: nunc omnis eius  
nobilitas conchylio atque purpura constat.*

Tiro ... outrora célebre pela sua progénie ... e aquela rival (sc. de Roma) e ávida do orbe terráqueo, Cartago, e até Gades, fundada para além do orbe: agora, toda a sua celebridade se resume a uma concha e à púrpura.

No caso especial dos Essênios, alguns sinais positivos ou de duplo entendimento estão claramente rodeados de referências negativas (5.73).

Quanto à Índia, apesar de nela existirem povos caracterizados por algum grau de civilização (6.66), as numerosas referências positivas são apoucadas pela incerteza e pelo carácter fabuloso das descrições, logo referidos na abertura, e por pinceladas negativas ao longo da descrição: o hábito *semiferus* de domar elefantes (6.66), a existência de povos *silvestres* (6.73), *liberi* (6.74) e governados por rainhas (6.76).

Caso muito sugestivo é a longa e elaborada digressão sobre a Taprobana (6.81-91), onde, após a descrição geográfica, os numerosos apontamentos utópicos são iniciados por uma sátira contra o luxo (6.89):

*sed ne Taprobane quidem, quamvis extra orbem natura relegata, nostris vitiis caret. Aurum argentumque et ibi in pretio; marmor testudini simile, margaritae gemmaeque in honore.*

Mas, de verdade, nem a Taprobana, embora relegada pela natureza para fora do nosso orbe, carece dos nossos vícios. Também aí o ouro e a prata têm alta cotação; o mármore semelhante a uma carapaça de tartaruga, as pérolas e as pedras preciosas são apreciadas.

Em suma, o denegrimiento leva a que, conseqüentemente, os outros povos desmereçam qualquer missão imperial ou civilizadora, servindo, quando muito, por contraste e utopia pontuais, como motivo para sátira social (cf. 24.4-5). Mesmo neste caso, essa função é romanocêntrica.

#### 4. Conclusão

Sem prejuízo de o próprio Naturalista repetidamente assinalar o carácter fabuloso dos relatos (cf. 7.6: *prodigiosa aliqua et incredibilia* ‘alguns prodigiosos e não críveis’; 7.32: *miracula ingeniosa ... inter prodigia posuisse gentes* ‘colocar nações entre as maravilhas do génio ... e os prodígios’), não deixa de ser verdade que o exótico e o estranho correspondem a estereótipos da barbárie e da monstruosidade (cf. 7.10), por oposição aos traços civilizados da romanidade: costumes, instituições políticas, língua, modo de vida, urbanismo. Trata-se, afinal, dos mesmos motivos que levam os embaixadores

dos Partos a justificarem perante Cláudio a entrega dos seus príncipes como reféns: para mais tarde terem reis afeitos aos costumes dos Romanos<sup>9</sup>.

Na abordagem desse outro, o Naturalista conjugou várias heranças culturais e ideológicas, procurando descrever uma *oekoumene* ‘terra habitada’ que, afinal, era reconhecidamente diversa e mais vasta que o império universal romano. Criar uma percepção e fazer uma abordagem dessa realidade era um imperativo científico, político e económico<sup>10</sup>.

A superioridade da Itália, à qual quase são comparadas a Hispânia e a Gália, é ainda realçada através da estrutura da *História Natural*, tanto nos livros geográficos como no fecho da obra, que compendia toda essa ideologia da excelência geantropológica romana, numinosa e providencial, e do seu espaço imperial (37.201-202):

Ergo in toto orbe, quacumque caeli convexitas vergit, pulcherrima omnium est iis rebus, quae merito principatum naturae optinent, Italia, reatrix parensque mundi altera, viris feminis, ducibus militibus, servitiis, artium praestantia, ingeniorum claritatibus, iam situ ac salubritate caeli atque temperie, accessu cunctorum gentium facili, portuosis litoribus, benigno ventorum adflatu.

Portanto, em todo o orbe, para onde quer que se estenda a concavidade do céu, pelas coisas que, por seu mérito, obtêm o primado da natureza, a mais bela de todas é a Itália, uma segunda guia e progenitora do mundo – pelos seus homens e mulheres, comandantes e soldados, escravos, superioridade nas artes, excelência dos seus génios, até pela localização, salubridade e equilíbrio de um clima temperado,

---

<sup>9</sup> Tácito, *Anais*, 12.10, reproduz a argumentação dos embaixadores dos Partos perante o senado romano: “*Ideo regum obsides liberòs dari ut, si domestici imperii taedeat, sit regressus ad principem patresque, quorum moribus adsuefactus rex melior adscisceretur*” ‘Entregavam como reféns os filhos dos reis exactamente com o objectivo de, no caso de se entediarem do governo da sua pátria, poderem apelar ao príncipe e ao Senado, para escolherem um rei melhor, afeito aos seus costumes’. Na discussão após a apresentação em Coimbra, Marc Mayer recordou que os reféns são um factor de romanização.

<sup>10</sup> O imperativo económico, que se relaciona directamente com as questões da acessibilidade e da sociabilidade, ficou somente entrevisto, por exemplo em relação à Arábia, mas poderia rastrear-se através da ocorrência de lexemas como *commercium*, *merces*, *navigare*, *navigatio*, *negotiator*. Está implícita a desconsideração da necessidade de maior dominação territorial.

pelo fácil acesso a todas as nações, pelas suas costas cheias de portos, pelo sopro benigno dos seus ventos.

Esses ideais deviam realizar-se em parte pela integração de um espaço itálico, europeu e ocidental, ao qual, sem necessário afã de conquista ou expansão, competia relacionar-se com outros povos e civilizações, tidos embora como não superiores ou até como inferiores, construindo uma só pátria (3.39-40).